

FELIX, Gil; LAGE, Aline (org.). **Capitalismo e surdez**. Brémen: El Tiple, 2021.

## RESENHA

Débora Chiararia de Oliveira<sup>1</sup>

Lucas de Lima da Cruz<sup>2</sup>

Tarcísio Paciulo Castilho<sup>3</sup>

As pautas do livro **Capitalismo e surdez** basearam-se em perspectivas críticas interdisciplinares com o intuito de contribuir para os estudos na área de surdez e deficiência realizados por estudantes, militantes e pesquisadores. Tratou-se de um projeto paradigmático desenvolvido pelos autores durante anos de 2007 a 2017 no Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES).

Para compor o enredo do livro, os autores organizaram um prólogo e traduziram 10 textos para o Português e para a Língua de Sinais Brasileira (Libras), que envolvem temáticas como surdez, capitalismo e construção sócio-histórica da deficiência. De cara o prólogo provoca o leitor ao constatar que a deficiência é uma produção sócio-histórica do capitalismo e de sua produção. O texto rompeu com explicações biológicas da deficiência ao caminhar para a proposta de que deficiência são os conceitos de incapacidade impostos pela sociedade para aquela pessoa e não para o que biológica ou cognitivamente “falta” no sujeito. Os autores convidaram à reflexão acerca da visão da sociedade sobre a surdez diante da uma força de poder dominante há séculos: o capitalismo.

O primeiro texto – “**Capitalismo e deficiência**” foi escrito por Marta Russell e Ravi Malhotra em 2002. Nele os autores dialogaram sobre o percurso material e histórico

<sup>1</sup> Psicóloga. Docente do curso de Psicologia da Faculdade da Alta Paulista (FAP) de Tupã/SP. Doutoranda em Educação pela Faculdade de Filosofia e Ciências - Unesp/Marília. Email: deborachiararia@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-8412-1998>.

<sup>2</sup> Licenciado em Letras/Libras pela Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC e Instituto Nacional dos Surdos - INES, Curitiba. pela Email: lclsm63@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-7134-1193>

<sup>3</sup> Tecnólogo da Informação. Mestrando no Programa de Pós-graduação em Educação da Faculdade de Filosofia e Ciências – Unesp/ Marília. Email: tarcisosp@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2532-9967>

<https://doi.org/10.36311/2358-8845.2020.v7n2.p139>



This is an open-access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License.

que envolveram a construção social da deficiência e as barreiras travadas para o alcance da emancipação da opressão e marginalização impostas às pessoas com deficiência pelo capitalismo. O texto destacou tanto a visão biológica, como a visão social sobre o conceito de deficiência apresentam falhas e levam ao reducionismo. Os autores defenderam que a deficiência é uma socialmente criada a partir das relações de trabalho que explora e exclui o “corpo deficiente”.

O segundo texto – **“Todos aqui falam Língua de Sinais”** sob a autoria de Nora E. Groce (1985) trouxe dados sobre a natureza histórica e social da deficiência baseados em uma investigação sobre a surdez hereditária em uma ilha dos Estados Unidos. Por meio de uma escrita leve a autora evidenciou a adaptação de toda comunidade habitante da ilha, sejam surdos ou ouvintes, á surdez e á Línguas de Sinais. Não havia espaço para preconceito ou exclusão, pois a surdez era algo natural e habitual naquele contexto. Os surdos e a Língua de Sinais estavam em todos os espaços de forma ativa, como pessoas e cidadãos portanto, não havia a necessidade que se ajustassem a sociedade dos ouvintes, pois a sociedade era igualitária e bilíngue.

A autora continuou seu relato no terceiro texto – **“Crescendo surdo em Martha’s Vinerad”** (1985), ressaltando que era possível perceber a inserção da surdez em todos os espaços sociais daquela comunidade não só através da Língua de Sinais, mas pelos comportamentos tanto dos ouvintes, como dos surdos. A familiaridade com a surdez e Língua de Sinais não despertava estranhamento ou preocupação para famílias ouvintes, por exemplo, o que favorecia o desenvolvimento das crianças surdas de forma fluida e natural.

O quarto texto – **“Língua e fronteiras étnicas na comunidade Surda”**, escrito por James Woodward e Harry Markowicz em 1987, trouxe a definição da comunidade Surda enquanto organização e a importância da língua na manutenção da integridade da mesma. A proposta do texto foi de compreender o Surdo além de fato de deste não ouvir os sons, mas como parte de uma comunidade com uma estrutura social hierárquica, com cultura e língua própria. Os autores enfatizaram que a principal barreira para uma participação mais ativa da comunidade Surda é a linguística. Esta situação aconteceu porque, no contexto de análise, o número de ouvintes era maior do que o de surdos, acarretando o uso majoritário da língua oral. O Surdos, que faziam uso da Libras como língua primária neste cenário foram mais uma vez considerados como desviantes da ‘norma’, o que gerou todo um empecilho na comunicação. Porém, quando visto sob a ótica da comunidade Surda, a Libras representa a identidade social, a cultura e a luta dos Surdos por uma sociedade mais igualitária. Além disso, a liberdade para o uso da língua primária indicou maior satisfação na interação entre seus membros.

O texto cinco **“A língua de sinais e a concepção da surdez em uma aldeia Maya Yucatec tradicional”**, da autoria de Robert Johnson (1994) reforçou novamente sobre a influência da etnicidade para a formação de identidade de grupos específicos. O autor colocou que as demandas dos grupos de surdos se relacionam com a comunicação, identidade étnica e solidariedade. Baseados em sua surdez e na dificuldade que encontraram na comunicação com pessoas ouvintes, foi comum observar nesses grupos a criação de comunidades e modos de comunicação (comportamento) a fim de terem acesso mais amplo na sociedade. Para melhor compreensão desses aspectos, o autor pesquisou uma comunidade surda tradicional, localizada na aldeia Maia Yucatec e a comparou com uma comunidade surda industrial. Assim, foi possível perceber que as diferenças das comunidades avaliadas se pauta nos valores sociais de cada uma, refletindo em questões econômicas e políticas. Na aldeia maia os surdos desempenharam os mesmos papéis que os ouvintes, especialmente os sociais portanto, a surdez como fenômeno político não seja tão aparente ou, muitas vezes não exista.

Karen Nakamura (2003) manteve em perspectiva o papel da etnicidade na construção das comunidades surdas no texto seis **“U-TURNS, ‘DEAF SHOCK’, e os ‘HARD OF HEARING’: Identidades surdas japonesas nas fronteiras”**. A autora pontuou que as escolas, para os surdos, são o berço de comunidades Surdas, de identidades Surdas e línguas sinalizadas. Partindo desta perspectiva, o objetivo do texto foi analisar como as histórias das comunidades surdas japonesas influenciaram a proliferação de identidades surdas no Japão contemporâneo a partir do cenário educacional. A realidade escolar da comunidade surda japonesa passou por dois importantes marcos históricos: em 1948 a educação passa a ser obrigatória para os surdos e, em 1970, após a II Guerra Mundial houve um aumento significativo de práticas inclusivas de crianças surdas em escolas ouvintes. Esses dois marcos evidenciaram como a mudança de uma identidade construída outrora em grupo para uma identidade construída de forma individual impactaram na maneira como os surdos japoneses, especialmente os mais jovens, viam a si mesmo, sua participação na comunidade ouvinte. O texto mostrou majoritariamente a surdez era vista no Japão mais da perspectiva biológica do que histórico sociocultural, levando á situações discriminatórias e excludentes por anos a fio.

O texto sete, escrito por Aline Lima da Silveira Lage, Celeste Azulay Kelman e Maria Carmen Euler Torres no ano de 2019, se propôs a estudar sobre a **“Presença de Lev Vigostki nos estudos surdos brasileiros”**. As autoras constaram que o autor teve pouquíssimo espaço nos estudos sobre surdos na realidade brasileira. Os autores que se prepuseram trazê-lo para o cenário da surdez na educação, linguagem e desenvolvimento humano logo abandonaram Vigostki como principal referencial teórico muito provavelmente pelo isolamento político que Vigostki sofreu pré e pós morte e, por problemas de tradução de conceitos utilizados pelos pesquisadores na área da surdez. Entretanto, a partir do texto foi concluiu-se que Vigostki teria muito a contribuir com diálogos sobre a variabilidade intrínseca do fenômeno e formação humana na perspectiva da surdez.

Gil Felix (2010) organizou o texto oito propondo uma reflexão acerca da **“Construção Social da diferença e culturalização da surdez no Brasil”**, abrangendo a análise dos processos sociais, as temáticas e conceitos contidos nesta construção. A partir do momento em que a surdez deixa de ser vista como um “problema” (modelo clínico-terapêutico) e passa a ser considerada um “problema social” (modelo socioantropológico) desperta o interesse de múltiplos agentes sociais atuantes na sociedade naquele momento, levando a construção de novas políticas públicas, estudos e teorias sobre determinada população aqui, no caso, os surdos. Os Estudos Surdos brasileiros realizados por professores surdos, professores bilíngues e intérpretes de línguas de sinais, nos últimos quatro anos envolveram temáticas como: a educação dos surdos, a Língua Brasileira de Sinais, a subjetividade, identidade e representações do sujeito surdo entre surdos e ouvintes. O grupo de autores dos Estudos Surdos evidenciaram em seus artigos a des-“deficiencialização” da surdez, ou seja, não vê-la mais como uma patologia, e os movimentos políticos para constituição e reprodução social dos grupos surdos pautados na inclusão.

O texto nove intitulado **“A saúde-doença como processo social”** foi escrito por Asa Cristina Laurell em 192. A proposta do texto foi avançar da explicação biológica da doença enquanto fenômeno individual, para a explicação histórico-social, ou seja, coletiva. O fim da década de 60 evidenciou uma crise política, social e econômica que problematizaram a explicação da doença apenas pelo olhar biológico/médico. Neste período houveram lutas sociais e populares da classe trabalhadora que exigiam que os problemas sociais fossem considerados a partir do interesse popular e, que fossem capazes também de gerar novas práticas sociais. Essas

lutas definiram o caráter social e coletivo do binômio saúde-doença, ressaltando a necessidade de olhar a doença e a saúde sob um ângulo que favoreça práticas de saúde embasadas e sustentadas na força social.

O décimo e último texto do livro “**Marxismo e Deficiência**”, foi escrito por Roddy Slorach em 2011. O objetivo principal do texto foi articular a visão marxista com questões de lesão e deficiência. O autor usa a definição de lesão como a falta total ou parcial de um membro do corpo e deficiência como a desvantagem causada por uma organização social. Essas definições permitem a compreensão do percurso histórico da pessoa com deficiência, sua relação com formas de sobrevivência, a ascensão e estabilização do capitalismo, a visão do corpo humano como uma máquina e o processo de segregação e marginalização dos deficientes. A visão social debatida no texto permitiu compreender a deficiência como uma forma de opressão social que pode ser combatida e superada. De acordo com o autor, uma sociedade socialista pode trazer a perspectiva de uma economia planejada e controlada pela maioria, uma sociedade mais igualitária e cooperativa que celebra a diversidade da diferença mútua interdependência.

O objetivo principal do livro foi contribuir, a partir de críticas interdisciplinares, para os estudos realizados por estudantes, militantes e pesquisadores da surdez e deficiência. Partindo do pressuposto que a condição surda contemporânea é fruto também do processo sócio-histórico que levou ao capitalismo, os textos que compõe o livro ocuparam-se em trazer questões sociais, históricas, étnicas e biológicas que permeiam o conceito de surdez e deficiência. A leitura é um convite a reflexão para a possibilidade de convivência igualitária com as diferenças em suas diversidades, evidenciando que a luta é de todos portanto, o livro não é só para os envolvidos com a área da surdez e/ou deficiência, mas para toda a comunidade.

---

Recebido em:  
Modificado em:  
Aceito em: